

# VISIBILIDADE E INTEGRAÇÃO SOCIAL DOS CATADORES DE MATERIAIS REICLÁVEIS - RESULTADOS DO PROJETO PIMP MY CARROÇA

S. R. Xavier, L. S. Duarte, G. H. S. Beatriz, M. Y. Matsunaka, T. T. L. Ackel

## RESUMO

Este trabalho analisa aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais relacionados à inclusão dos catadores de recicláveis no Brasil. O objetivo desse estudo é analisar os resultados das ações realizadas pelo projeto Pimp My Carroça na promoção da inclusão social dos catadores. A metodologia compreende a revisão de literatura, a realização de entrevistas com catadores, a análise de dados das pesquisas teórica e empírica, e a síntese de resultados. Nesse estudo, observa-se que mecanismos legislativos são importantes para assegurar o reconhecimento legal dos catadores, mas outras iniciativas são essenciais para promover o respeito por esses trabalhadores e sua inclusão social. Evidencia-se a importância de projetos como o Pimp My Carroça, que levam ao questionamento do estigma associado aos catadores, desencadeando transformações positivas em suas condições de trabalho e em suas relações no meio urbano.

## 1 INTRODUÇÃO

A gestão de resíduos sólidos é uma atividade crucial para o funcionamento dos centros urbanos. Ao longo dos anos, diferentes tecnologias foram desenvolvidas para lidar com os materiais que descartamos, diferentes atores estiveram envolvidos no processo de coleta e transporte dos resíduos, e diversos fatores impulsionaram o desenvolvimento de sistemas de gestão de resíduos sólidos. Wilson (2007) destaca fatores que geraram mudanças nos sistemas de coleta e transporte de resíduos nos centros urbanos, desde a idade média até os dias atuais. Uma visão geral dos principais fatores apontados pelo autor é apresentada a seguir.

No período da idade média até a revolução industrial, o principal fator que impulsionava a coleta dos resíduos era o valor que se podia obter a partir de alguns dos materiais descartados, como estrume para transformar em fertilizante. A coleta nos centros urbanos era precária e inconstante, sendo feita por indivíduos que recolhiam somente a matéria que lhes interessava. No período entre 1850 e 1970, as descobertas da relação direta entre a presença de resíduos no espaço público e a proliferação de doenças levou ao movimento sanitário. A saúde pública foi o principal fator de influência, impulsionando mudanças principalmente nos sistemas de coleta. Também nessa época, consolidou-se o papel dos governos locais como gestores dos sistemas de resíduos nos centros urbanos (Wilson, 2007).

A partir dos anos 1970, o movimento ambientalista se torna um dos principais fatores de influência, surgem mais regulamentações e o foco passa a ser a gestão sustentável dos resíduos. Teodósio *et al.* (2014) afirmam que “o custo econômico dos serviços de resíduos sólidos era o principal fator de controle nos processos de tomada de decisão; contudo,

recentemente, considerações sociais e ambientais têm desempenhado um papel mais significativo”. Nesse sentido, surgem práticas que passam a ser incorporadas nos sistemas de gestão de resíduos, como a conversão de resíduos para energia, a reciclagem, e a redução de materiais descartados. Wilson (2007) aponta ainda para outros fatores, como tecnologia e conscientização pública que também são fatores de influência para diversas mudanças no sistema de gestão de resíduos.

No contexto atual, surge o conceito de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos (GIRS). O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP<sup>1</sup>) define que, para o planejamento baseado na GIRS, todos os aspectos da gestão de resíduos (técnicos e não-técnicos) devem ser analisados em conjunto, tendo em vista que são conectados e o desenvolvimento de uma área pode afetar práticas em outra área. Um planejamento integrado prevê a participação de atores do setor público, privado e informal, atribuindo papéis que sejam adequados para cada um (UNEP, 2005).

Nos sistemas de gestão de resíduos sólidos vigentes, observamos a influência combinada de vários desses fatores e atores anteriormente citados. É o caso dos sistemas de gestão de resíduos que operam no Brasil. Em geral, nas cidades brasileiras, a limpeza do espaço público como necessidade de saúde pública e a responsabilidade do governo de gerir o sistema de transporte de resíduos já são dados por certo. A preocupação com a preservação ambiental é um fator determinante, que influencia decisões como a obrigatoriedade da reciclagem e a eliminação de lixões a céu aberto.

Além disso, o valor que pode ser obtido dos materiais descartados, um fator que influencia a coleta de resíduos desde o século XV, impulsiona sistemas de coleta de resíduos atualmente. A possibilidade de gerar renda resgatando materiais descartados que podem ser vendidos leva muitos moradores de centros urbanos que estão situação de pobreza a estruturar um sistema de coleta informal (Wilson, 2007).

No Brasil, os indivíduos que coletam os materiais recicláveis como fonte de renda são chamados catadores. No país, grande parte dos recicláveis são recuperados e reinseridos nos processos produtivos através da cadeia informal consolidada pelos catadores. Além da relevância em termos de quantidade de material coletado para reciclagem, Teodósio *et al.* (2014) afirmam que o catador tem importante papel como agente ambiental, pois sua circulação no meio urbano “exerce uma atividade de comunicação dos resíduos sólidos no âmbito urbano, elucidando os impactos sociais e ambientais do pós-consumo do produto industrial”.

Apesar de sua importância, estes trabalhadores ainda são o elo fraco da cadeia de reciclagem e, muitas vezes, não são devidamente valorizados e reconhecidos. Há diferentes camadas de preconceito e invisibilidade que envolvem a atividade, como a informalidade, a situação social dos indivíduos e o estigma por lidarem diretamente com materiais descartados. Por outro lado, há iniciativas para promover a inclusão dos catadores nas esferas política, econômica e social.

Nos últimos anos houve avanço do reconhecimento legal dos catadores no Brasil, através de políticas públicas que consideram o catador como agente na gestão de resíduos urbanos. No entanto, esse reconhecimento não leva necessariamente à aceitação da atividade pela

---

<sup>1</sup> United Nations Environment Programme

sociedade. Por vezes, os catadores são marginalizados e desrespeitados quando realizam seu trabalho nas ruas. Nesse contexto, surgem projetos sociais que visam promover a visibilidade e a valorização do catador como indivíduo e como trabalhador. Destacamos o projeto Pimp My Carroça, um movimento social, artístico e cultural iniciado pelo artista Thiago Mundano em 2012 na cidade de São Paulo. A saber, o projeto é entendido como:

Um movimento que luta para tirar os catadores de materiais recicláveis da invisibilidade, promover a sua autoestima e sensibilizar a sociedade para a causa em questão, com ações criativas que utilizam o graffiti para conscientizar, engajar e transformar. (Pimp My Carroça, 2016)

Tendo o Pimp My Carroça como estudo de caso, o objetivo deste artigo é evidenciar a contribuição deste projeto para gerar uma mudança no estigma associado aos catadores e promover sua visibilidade e inclusão social.

## **2 MATERIAIS E MÉTODO**

A metodologia para essa pesquisa é composta de quatro etapas. Primeiramente, a base teórica é construída através de pesquisa bibliográfica e tem por objetivo evidenciar os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais relacionados à inclusão dos catadores. A pesquisa contempla a revisão das implicações econômicas e sociais da cadeia de reciclagem; a dimensão política do reconhecimento dos catadores; as questões culturais que interferem na inclusão social dos catadores; e a proposta de intervenção do projeto Pimp My Carroça.

Para a etapa exploratória da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com quatorze catadores da Região Metropolitana de Belo Horizonte e três catadores de São Paulo que participaram de ações do projeto Pimp My Carroça. O foco das entrevistas é coletar relatos dos catadores sobre sua atividade diária, sua interação com o meio urbano e com outros cidadãos no espaço público, e sua experiência com o projeto Pimp My Carroça.

Na etapa experimental da pesquisa, os conceitos destacados na revisão de literatura são correlacionados aos dados obtidos na etapa exploratória. Os relatos dos catadores são usados para corroborar ou contrapor os conceitos teóricos. Essa análise combina a pesquisa empírica e a pesquisa teórica para descrever e analisar os desafios enfrentados para a inclusão social dos catadores, bem como os resultados do projeto Pimp My Carroça nesse âmbito. Finalmente, na etapa conclusiva, é apresentada a compreensão geral dos resultados analisados e a síntese desse estudo.

## **3 DESENVOLVIMENTO**

O desenvolvimento do projeto contempla, primeiramente, a revisão de literatura sobre o mercado de recicláveis no Brasil, o histórico de auto-organização e as políticas públicas relacionadas aos catadores, e a proposta do projeto Pimp My Carroça. Em seguida, os relatos obtidos durante as entrevistas com os catadores são apresentados, alinhados aos conceitos teóricos, para analisar os desafios para inclusão social e os resultados do projeto Pimp My Carroça. Finalmente, são tecidos os aspectos conclusivos por meio deste estudo.

### **3.1 Dimensão econômica e social da reciclagem no Brasil**

No Brasil, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), em vigor desde 2010, cita a redução na fonte, a reciclagem e a disposição de resíduos, como algumas diretrizes (Villac,

2014). A Lei 12.305, que integra a PNRS, aborda os seguintes tópicos: ciclo de vida, logística reversa, reutilização, padrões sustentáveis de produção e consumo, manejo de resíduos sólidos, dentre outros, de modo a obrigar (estabelecendo regras e propondo punições criminais) as indústrias a manejar corretamente seus resíduos (Duarte e Câmara, 2015).

Nesse contexto, a reciclagem se apresenta como uma prática central para uma gestão sustentável dos resíduos sólidos no Brasil. Por definição, a reciclagem é o processo de coletar produtos, componentes e/ou materiais, desmontá-los (quando necessário), separá-los em categorias de materiais (como plásticos específicos, vidros, etc.) e processá-los em produtos, componentes e/ou materiais reciclados (Beamon, 1999). Na Lei 12.305, a reciclagem é definida como:

Processo de transformação dos resíduos sólidos, que envolve a alteração de suas propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, com vistas a transformação em insumos ou novos produtos, observadas as condições e os padrões estabelecidos pelos órgãos competentes. (Presidência da República, 2016)

Pelo vetor da reciclagem, o beneficiamento de materiais pós-consumo desencadeia uma série de benefícios ambientais, econômicos e também sociais. Primeiramente, podemos citar como consequência direta da reciclagem a diminuição do volume de matéria enviada para aterros sanitários, o que prolonga a vida útil dessas estruturas. Outro benefício ambiental derivado do processo de reciclagem é a diminuição da extração de matérias-primas virgens, ou seja, a reciclagem também conduz à prevenção de resíduos sólidos na extração de recursos naturais (Dias e Bortoleto, 2014; John e Zordan, 2001).

A estruturação da indústria de reciclagem levou também à valorização econômica de materiais descartados. Esse processo propiciou a consolidação do mercado de materiais recicláveis. Surge o termo “valorização de resíduos” como resultado econômico do processo de agregar valor aos produtos e materiais pós-consumo (Teodósio *et al.*, 2014). A atividade de coleta e encaminhamento de resíduos sólidos, que até então gerava apenas gastos, passou a ser uma atividade que gera retorno financeiro. O sistema de reciclagem agrega tanto valor ambiental quanto econômico (Leite, 2009). Tal valor econômico atribuído aos materiais descartados possibilita a sobrevivência de uma parcela da população em situação de vulnerabilidade social, muitas vezes excluída do mercado formal de trabalho. Observamos essa situação no Brasil, onde:

Um número significativo dessa população vive nas ruas, onde desenvolve o seu repertório de sobrevivência que envolve a coleta e reciclagem de materiais, o que é conhecido como “catação”. É uma economia autocriada que reutiliza o lixo e os restos da cidade. A coleta de material reciclável às vezes alcança, ou ultrapassa, o salário mínimo. (Harland e Santos, 2014)

Um processo inicial para a viabilização da reciclagem dos resíduos sólidos urbanos é a coleta em separado dos materiais a serem processados, a chamada coleta seletiva. Teodósio *et al.* (2014) afirmam que os catadores já prestavam o serviço de coleta de recicláveis “mesmo antes da definição de políticas públicas claras para a gestão de resíduos no país” e, ainda hoje, continuam a ter um papel de destaque. A quantidade de resíduos recicláveis coletados anualmente através de programas oficiais de coleta seletiva representa apenas uma pequena fração do total de resíduos reciclados no país, como pode ser observado na Tabela 1 (IPEA, 2012 *apud* Teodósio *et al.*, 2014).

**Tabela 1 Estimativa da participação dos programas de coleta seletiva formal (2008)**

Resíduos	Quantidade de resíduos reciclados no país (mil t/ano)	Quantidade recuperada por programas oficiais de coleta seletiva (mil t/ano)	Participação da coleta seletiva formal na reciclagem total
Metais	9.817,8	72,3	0,7%
Papel/papelão	3.827,9	285,7	7,5%
Plástico	962,0*	170,3	17,7%
Vidro	489,0	50,9	10,4%

Nota: \*dado de 2007

Os dados supracitados refletem a ineficiência dos programas oficiais de coleta seletiva no Brasil e evidenciam a importância da cadeia informal de reciclagem formada pelos catadores. É através dessa cadeia informal que grande parte dos materiais recicláveis são reinseridos nos processos produtivos (Teodósio *et al.*, 2014).

Não há dados precisos quanto ao número de catadores existentes no Brasil. Um relatório publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2012 baseia-se nos dados do Censo Demográfico do IBGE e na Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) de 2010, e estima a existência de 387.910 catadores no Brasil. No entanto, o estudo reconhece que esse número pode estar abaixo do quantitativo real. Teodósio *et al.* (2014) apontam para outras fontes que apresentam diferentes números, como a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008, que identificou 70.449 catadores de materiais recicláveis, e a estimativa do Movimento Nacional dos Catadores (MNC) de que existam 800 mil catadores no país.

De acordo com os dados processados pelo IPEA (2013), a maioria dos catadores são homens negros de aproximadamente 40 anos. Ainda segundo o relatório do IPEA o rendimento médio do trabalho dos catadores varia entre R\$ 459,00 e R\$ 619,00, sendo R\$571,56 a média para todo o país. Quanto à escolaridade, estima-se que aproximadamente 25% dos catadores com 25 anos ou mais completaram o ensino fundamental, e apenas 11% completaram o ensino médio (IPEA, 2013).

### **3.2 Dimensão política da atividade dos catadores**

O processo de consolidação e reconhecimento legal do trabalho dos catadores no Brasil está ligado ao histórico de luta e auto-organização desse grupo, que transformou a atividade também em um movimento social. As primeiras associações e cooperativas de catadores surgiram no final dos anos 1980 em São Paulo (Coopamare) e início dos anos 1990 em Minas Gerais (Asmare). Em 2001 foi formado o Movimento Nacional dos Catadores, que reúne associações, cooperativas, e catadores autônomos em todo o país. Esse processo de auto-organização usa marcos legais existentes (cooperativismo e associativismo) para legitimar a atividade que até então era tida como informal ou marginal. Além disso, promove a auto identificação dos catadores como uma categoria de trabalhadores, impulsiona uma representação política, e dá força às reivindicações comuns do grupo.

A atividade profissional "Catador de Materiais Recicláveis" foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego em 2002. Em 2007, a Lei nº11.445/2007, que determinava as diretrizes nacionais para o saneamento básico, já estabelecia a dispensa de licitação para a contratação de cooperativas e associações de catadores. A Lei Federal n.º 12.305/2010, que institui a PNRS, determina que o governo deve incluir os catadores nas políticas de resíduos

sólidos e incentivar a formação de cooperativas e associações de catadores, podendo conceder financiamentos e incentivos fiscais para sua estruturação. Também em 2010 foi estabelecido o Comitê Interministerial para Inclusão Social e Econômica dos Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis – CIISC, que implementa programas como o Cataforte, com objetivo de incentivar a organização de catadores em associações e cooperativas.

Essas ferramentas legislativas e programas governamentais são passos importantes para melhoria das condições de trabalho dos catadores. Além de validarem constitucionalmente o trabalho dos catadores como agentes de limpeza urbana, também criam mecanismos, através da contratação de cooperativas e associações, para que esses trabalhadores sejam pagos pelo serviço que prestaram à cidade, e não só pela quantidade de material coletado.

Os ganhos de inclusão na esfera legal e política são cruciais, mas não necessariamente levam à avanços na esfera de inclusão social e de valorização do trabalhador. Ao analisar a experiência de cooperativismo dos catadores de Belo Horizonte, Pereira e Teixeira (2014) afirmam que “a perspectiva de luta por reconhecimento não se restringe a construção de políticas governamentais; ela vai além, envolve outras dimensões, em um processo permanente em que a sociedade reflexivamente se transforma e altera padrões de relação social” (Honneth, 2003 apud Pereira e Teixeira, 2014).

Identificamos que as políticas públicas não instigam as mudanças de percepção e comportamento que são necessárias para promover o reconhecimento e a inclusão dos catadores na esfera social. Nesse contexto, surgem iniciativas da sociedade civil para preencher essa lacuna. É o caso do projeto Pimp My Carroça.

### **3.3 As ações do projeto Pimp My Carroça**

O projeto Pimp My Carroça é definido pelos idealizadores como um movimento social, artístico e cultural. As ações que integram o escopo desse projeto propõem uma conscientização política e humanizada, e consistem na reforma e grafite das carroças, na doação de objetos de interface catador/carroça e equipamentos de proteção individual para os catadores, e em diversas atividades que vão do atendimento de saúde e higiene para o catador até intervenções urbanas propondo “vaga de carroças” e “reciclovias”.

Ao longo dos anos, o projeto já atendeu 496 catadores (que tiveram suas carroças reformadas e grafitadas, isto é, “pimpadas”), contou com 354 grafiteiros e artistas participantes, além de 1.429 voluntários participantes, em mais de 20 cidades no Brasil, na Bolívia e no Peru. Em 2015, o projeto Pimp My Carroça recebeu o “Prêmio de Água e Saneamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento - FEMSA América Latina e no Caribe”, na categoria Resíduos Sólidos.

O artista Thiago Mundano diz que uma etapa fundamental para a concepção do projeto Pimp My Carroça foi a conversa direta com os catadores, o que possibilitou ao próprio artista desconstruir seu entendimento do que é lixo e adotar a ideia de que “não existe lixo”. Outro componente importante do projeto é a possibilidade dos catadores se comunicarem no meio urbano. Através das imagens e frases pintadas nas carroças, o artista procura dar voz aos pensamentos e mensagens dos catadores.

Entre 2012 e 2015 foram realizadas diversas ações do Pimp My Carroça em São Paulo, onde foram atendidos os três catadores entrevistados para essa pesquisa, e em dezembro de 2015

foi realizada uma ação do Pimp My Carroça em Belo Horizonte, que atendeu os quatorze catadores entrevistados para esse estudo. Todas as ações incluíram a entrega do “kit pimpador”, que consiste em ferramentas, objetos de interface carroça/catador e equipamentos de proteção individual (Fig. 01), e contaram com a colaboração de artistas locais para promover a reforma e pintura das carroças dos catadores participantes (Fig. 02).



Figura 01 – Kit Pimpador entregue a catadores durante ação em São Paulo



Figura 02 – Intervenção artística realizada durante ação em Belo Horizonte

### 3.4 Dados coletados durante as entrevistas

Foram entrevistados quatorze catadores na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e três catadores na cidade de São Paulo. Foram coletados dados básicos como nome, idade, cidade natal, e tempo de trabalho como catador. Todos os entrevistados participaram de ações do projeto Pimp My Carroça e, no momento das entrevistas, todos trabalhavam como autônomos, não fazendo parte de nenhuma cooperativa ou associação.

Além das perguntas para coleta dos dados básicos, foram feitas perguntas para obter informações sobre como cada trabalhador realiza a atividade de catação, e sobre os desafios que enfrenta nessa atividade. A partir das respostas, identificamos os desafios recorrentes, que são analisados nesse estudo juntamente com conceitos da pesquisa teórica, para examinar os desafios para inclusão social dos catadores.

Ademais, foram feitas perguntas para obter relatos dos catadores sobre o projeto Pimp My Carroça, e para identificar possíveis mudanças na dinâmica de trabalho decorrentes de sua

participação no projeto. A partir desses relatos, identificamos os principais resultados das ações do Pimp My Carroça, que são descritos e analisados nessa pesquisa.

### **3.5 Desafios identificadas para inclusão social**

Observamos que a maioria dos catadores entrevistados está satisfeita com a atividade que realiza, consideram que é um trabalho digno e importante para a manutenção da cidade. Quando perguntados sobre os pontos positivos deste trabalho, respostas recorrentes foram: autonomia na gestão do tempo dedicado ao trabalho, imediatismo do recebimento de pagamentos, e a possibilidade de ter uma atividade produtiva independente de vínculo empregatício.

Identificamos, no entanto, que os catadores enfrentam situações de exclusão social no seu trabalho diário como, por exemplo, o preconceito, o desrespeito e a invisibilidade. O reconhecimento legal dos catadores contribui para desfazer o estigma da informalidade, mas a atividade ainda é estigmatizada por lidar com materiais descartados e por ser realizada por uma parcela marginalizada da população. Essas concepções são obstáculos para o reconhecimento social e valorização do catador.

Um dos obstáculos que foi identificado nesse estudo relaciona-se à divisão de classes estabelecidas em nossa sociedade. Durante as entrevistas, um dos catadores expressou que “tem gente que acha que nós não somos ninguém”, declaração que evidencia um sentimento de tratamento desigual e exclusão. Nesse sentido, Pereira e Teixeira (2014) afirmam que:

Os catadores, assim como muitos outros brasileiros, estão inseridos em relações sociais em que a desigualdade social é naturalizada cotidianamente, por mecanismos simbólicos que legitimam sua reprodução, de modo a compor ‘uma classe excluída de todas as oportunidades materiais e simbólicas de reconhecimento social’. (Souza, 2009 apud Pereira e Teixeira, 2014)

Em sua análise sobre as dinâmicas sociais nos centros urbanos atuais, Bauman (2009) aponta para a polarização e o estranhamento entre grupos de elite, os cidadãos da “primeira fila”, e grupos marginalizados, os cidadãos da “última fila”. A desconfiança e o medo exacerbado do “outro”, do “diferente”, levam a processos de afastamento e exclusão que se manifestam tanto nas relações sociais quanto no ambiente construído.

Se considerarmos os catadores como parte do grupo dos cidadãos da “última fila”, temos uma situação de exclusão crônica condicionada pelo estranhamento e medo. Bauman (2009) aponta que “a tendência a segregar, a excluir, que em São Paulo (...) manifesta-se da maneira mais brutal, despudorada e sem escrúpulos, apresenta-se – mesmo que de forma atenuada – na maior parte das metrópoles”.

Outro obstáculo para o reconhecimento social dos catadores está relacionado ao fato desses trabalhadores lidarem diretamente com os materiais que descartamos, o que comumente chamamos de lixo. A relação que a sociedade tem com os materiais que descarta é intrincada, carregada de sentimentos e preconceções. Culturalmente relacionamos lixo às ideias de perda, impureza, repulsa e contaminação. Em geral, entendemos que o lixo é indesejável e deve ser mantido distante de nós (Lynch, 1990). Nossa relação com os resíduos no meio urbano reflete essa ideia: o sistema que coleta e transporta o lixo normalmente nos parece invisível, em parte porque ignoramos sua importância e negligenciamos sua existência.



Acreditamos que, por uma construção cultural, atribuímos sentimentos negativos aos materiais que julgamos sem utilidade, descartamos, misturamos e chamamos de lixo. Esse sentimento afeta nossa percepção das pessoas que trabalham manejando esses materiais descartados. Um dos catadores afirmou, com uma conotação negativa, que sente que há pessoas que o vêem como lixo. Ele relatou que um dia conduzia sua carroça na rua quando ouviu o motorista de um carro buzinar e gritar: “Oh lixo, sai da frente!” Em seu relato, outro catador afirmou que já foi chamado de “comedor de lixo”.

Essas situações evidenciam como a percepção negativa com relação aos materiais descartados é atribuída também aos indivíduos que trabalham com esses materiais, gerando reações desrespeitosas e ofensivas. A percepção de que o lixo é sujo e sem valor, uma matéria com a qual não se deve ter contato, leva à preconceção de que pessoas que manuseiam essa matéria são também sujas, sem valor, e deve-se manter distância. Teodósio *et al.* (2014) afirmam que “a presença do catador é variável, muitas vezes mobiliza sentimentos humanitários, outras vezes, sentimentos de repulsa e indignação”.

Além disso, da mesma forma como negligenciamos os sistemas que movem os resíduos, também parecem invisíveis no meio urbano as pessoas que trabalham nesses sistemas. Um dos catadores relatou como, por anos, sempre passava pela mesma rua e observava os mesmos moradores e comerciantes, mas raras vezes houve oportunidade para interação pois essas pessoas não olhavam para ele ou não se manifestavam com a sua presença. Para Nagle (2013) o trabalho de coleta de resíduos é um exemplo de elemento “não notado” na vida diária, e os envolvidos são trabalhadores igualmente “não notados”, invisíveis.

Através dessa análise concluímos que, para que haja o devido reconhecimento e valorização dos catadores na dimensão social, é necessário instigar mudanças de percepção e comportamento. Nesse âmbito, surge o projeto Pimp My Carroça que, através de ações colaborativas e intervenções artísticas, propicia a visibilidade do catador, o surgimento de novas relações sociais e o questionamento dos estigmas relacionados à atividade.

### **3.6 Resultados do Pimp My Carroça**

As ações de doação de equipamentos e de reforma e pintura artística das carroças, promovidas pelo Pimp My Carroça, têm como resultados gerais a melhoria das condições de trabalho do catador e a promoção de sua visibilidade no meio urbano. Estes resultados têm uma série de desdobramentos que afetam positivamente a atividade do catador e instigam mudanças em sua relação com outros cidadãos no meio urbano.

Identificamos que, além dos ajustes técnicos para o bom funcionamento da carroça, a pintura artística é um componente importante para gerar melhorias tangíveis na atividade do catador. Um dos catadores relatou como a pintura artística teve influência em sua produtividade na coleta. Segundo o catador, devido à carroça diferenciada, ele passou a ser observado e reconhecido pelos moradores nos trajetos que faz com frequência. Esse reconhecimento levou à consolidação de novas parcerias para coleta e consequente aumento da quantidade de material coletado e vendido, aumentando a renda do trabalhador.

A carroça é também o instrumento que o catador tem para negociar sua participação no espaço público. Frequentemente o catador divide o espaço das vias públicas com outros veículos e precisa ser visto e respeitado. Os espaços que são acessíveis ao catador estão condicionados à possibilidade de acesso e aceitação da carroça. Em uma situação análoga,

Smith (1992) analisa os desdobramentos do projeto Veículo dos Desabrigados (*Homeless Vehicle*), que consiste no *redesign* de carrinhos de compras para adaptar o equipamento ao uso dos moradores de rua. Smith (1992) destaca que “o Veículo dos Desabrigados é uma invenção impertinente que promove a capacidade dos moradores de rua para apagar seu próprio apagamento. (...) É um meio de talhar políticas geográficas que sejam mais amistosas em uma cidade de espaços excludentes”.

Da mesma forma, a carroça “pimpada” é um objeto mediador que contribui para que o catador possa “apagar seu próprio apagamento” (Smith, 1992) nos espaços urbanos. A carroça com intervenção artística se destaca no espaço público e serve como catalizador para promover a aproximação de catadores e outros cidadãos. Um catador relatou que alguns transeuntes param para conversar com ele sobre a pintura artística da carroça e, por vezes, pedem para tirar fotos. Esse tipo de interação é importante pois quebra barreiras sociais, propicia a aproximação e diálogo entre indivíduos de diferentes classes, gera mudanças de percepção com relação ao trabalho de coleta de resíduos, e desperta sentimentos de auto valia e orgulho do catador.

Essa contribuição para a autoestima do catador e para a construção de novas relações sociais é um resultado intangível das ações do Pimp My Carroça, mas que pode ter influência direta na saúde do catador. Newman (2015) afirma que, desde os anos 1960, há estudos acerca da estima social como fator de influência da saúde física do trabalhador. Os estudos evidenciam a correlação entre atividades de baixo reconhecimento social, como é o caso da coleta de lixo, e elevados níveis de stress dos trabalhadores.

Nesse contexto, criar um ambiente que promove a dignidade, a inclusão e o respeito é uma forma de contribuir para melhorar a saúde do trabalhador. As ações do Pimp My Carroça propiciam esse tipo de ambiente. O ato de promover a prestação de serviços aos catadores e a reforma das carroças, além de melhorar as condições de trabalho, é uma demonstração de respeito à atividade de catação e ao indivíduo catador. Esse tipo de iniciativa pode não ser efetiva para reduzir o risco de lesões, que também é um fator crítico na saúde do catador, mas promove um outro tipo de proteção para a saúde do catador pois gera o respeito e o reconhecimento que o trabalhador busca em sua atividade (Newman, 2015).

Finamente, quando perguntados sobre sua relação com o projeto Pimp My Carroça, os catadores expressaram que “a ONG (Pimp My Carroça) é muito importante para nós”, “é a nossa alma, nossa vida, os grafiteiros fazem por nós o que o governo tinha que fazer”. As declarações demonstram o entusiasmo e o envolvimento dos catadores com o projeto.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho contemplou a análise dos desafios para inclusão social dos catadores de materiais recicláveis no Brasil, e a contribuição das ações do projeto Pimp My Carroça para promover a valorização e integração desses trabalhadores. A metodologia compreende a revisão de literatura, a realização de entrevistas com catadores, a análise de dados das pesquisas teórica e empírica, e a síntese de resultados.

As ações do Pimp My Carroça resultam em maior visibilidade e consolidação de identidade para o catador, o que gera oportunidade de mais parcerias para coleta de materiais e consequente aumento da renda do catador. A carroça “pimpada” é também um vetor de comunicação e identificação, e leva à interação entre catadores e outros cidadãos no meio

urbano. Essa aproximação gera resultados intangíveis, como o aumento da autoestima do catador, a quebra de barreiras sociais, e a desconstrução de concepções negativas que culturalmente se atribuem aos trabalhadores que coletam de resíduos. Argumentamos que estes resultados têm influência positiva na saúde do trabalhador.

Os catadores têm papel importante na coleta seletiva dos centros urbanos brasileiros e, atualmente, seu trabalho é legitimado por políticas públicas que reconhecem o catador como parte integrante da gestão de resíduos sólidos no Brasil. No entanto, ainda há desafios para a inclusão social dos catadores, que continuam sendo o elo mais vulnerável na cadeia de valor da reciclagem, e enfrentam situações de desrespeito, desvalorização do seu trabalho, e exclusão social.

Verificamos a importância de estudos que contribuam para a análise de iniciativas como o Pimp My Carroça. As ações do Pimp My Carroça resultam na melhoria das condições de trabalho e na aproximação entre catadores e outros cidadãos, criando um ambiente de respeito, integração e reconhecimento desses trabalhadores. Tais resultados instigam o questionamento de concepções sociais estabelecidas e levam à ressignificação do papel dos trabalhadores que lidam com resíduos no meio urbano.

Como trabalhos futuros a partir deste, são oportunas pesquisas quantitativas dos resultados de projetos sociais como o Pimp My Carroça. Podem ser utilizados indicadores como a quantidade de material coletado, e o número de parcerias para coleta, para investigar os resultados em termos de produtividade e renda para o trabalhador. Ademais, entrevistas com outros cidadãos poderiam expandir o estudo sobre os desafios para inclusão social dos catadores, e contribuir para a identificar formas de promover a ressignificação do trabalho do catador e sua integração social.

## 5 REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2009) **Confiança e medo na cidade**, traduzido por E. Aguiar, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

Beamon, B. M. (1999) Designing the green supply chain, **Logistics Information Management**, (12), 332-342.

Dias, S. L. F. G., Bortoleto A. P. (2014) A Prevenção de Resíduos Sólidos e o Desafio da Sustentabilidade, *in* M. C. L. Santos (coord.), **Design Resíduo e Dignidade**, Editora Olhares, São Paulo.

Duarte, L. e Câmara, T. (2015) Logística reversa e competitividade para os resíduos têxteis no polo de moda de Belo Horizonte, **Anais do Colóquio Internacional de Design**, Belo Horizonte.

Harland R., Santos, M. C. L. (2014) O trabalho com resíduos para dignificar a existência humana através do uso de colagem como um design espontâneo, *in* M. C. L. Santos (coord.), **Design Resíduo e Dignidade**, Editora Olhares, São Paulo.

IPEA (2013). **Situação social das catadoras e dos catadores de material reciclável e reutilizável** [online], Ipea, Brasília, disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao\\_social/131219\\_relatorio\\_situacaosocial\\_mat\\_reciclavavel\\_brasil.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/situacao_social/131219_relatorio_situacaosocial_mat_reciclavavel_brasil.pdf) [acesso em 28 de maio de 2016].

John, V. M. e Zordan, S. E. (2001) Research & development methodology for recycling residues as building materials, **Waste Management**, (21), 213-219.

Leite, P. R. (2009) **Logística reversa: meio ambiente e competitividade**, Pearson Prentice Hall, São Paulo.

Lynch, K. (1990) **Wasting Away**, Sierra Club Books, San Francisco.

Nagle, R. (2013) **Picking up: on the streets and behind the trucks with the sanitation workers of New York City**. Farrar, Straus and Giroux, New York.

Newman, M. S. (2016) **For trash-pickers, respect is a strong medicine** [online], disponível em: <https://nextcity.org/daily/entry/for-trash-pickers-respect-is-a-strong-medicine> [acesso em 28 de maio de 2016].

Pereira, M. C. G. e Teixeira, M. A. C. (2014) Luta por reconhecimento e políticas públicas: uma análise da experiência dos catadores da Asmare em Belo Horizonte (MG), durante o período de 1987 a 20101, *in* M. C. L. Santos (coord.), **Design Resíduo e Dignidade**, Editora Olhares, São Paulo.

Pimp My Carroça (2016) **Homepage** [online], disponível em: <http://pimpmycarroca.com/> [acesso em 28 de maio de 2016].

Presidência da República (2016) **Lei 12.305** [online], disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112305.htm) [acesso em 28 de maio de 2016].

Smith, Neil. (1992) Contours of a Spatialized Politics: Homeless Vehicles and the Production of Geographical Scale, **Social Text**, (33), 54-81.

Teodósio, A. S. S., Dias, S. L. F. G. e Santos, M. C. L. (2014) Reciclagem no interstício das relações intersetoriais: a Política Nacional de Resíduos Sólidos e os desafios para a inclusão social e produtiva dos catadores, *in* M. C. L. Santos (coord.), **Design Resíduo e Dignidade**, Editora Olhares, São Paulo.

UNEP United Nations Environment Programme (2005) **Solid Waste Management** [online], disponível em: <http://www.unep.org/ietc/Portals/136/SWM-Vol1-Part1-Chapters1to3.pdf> [acesso em 28 de maio de 2016].

Villac, T. (2014) A construção da Política Nacional de Resíduos Sólidos, *in* M. C. L. Santos (coord.), **Design Resíduo e Dignidade**, Editora Olhares, São Paulo.

Wilson, D. C. (2007) Development drivers for waste management, **Waste Management & Research**, (25), 198–207.